

DESFAZENDO OS VÍNCULOS NATURAIS ENTRE GÊNERO E MEIO AMBIENTE

SANDRA MARA GARCIA

Por que examinar a questão de gênero dentro do debate de meio ambiente? Qual é a especificidade da relação entre mulher e meio ambiente? Ela é distinta da relação homem/meio ambiente?

Boa parte da literatura sobre mulher e meio ambiente sugere haver alguma coisa fundamental ou inata nessa relação. As mulheres são vistas como tendo mãos que curam, que nutrem e cuidam do meio ambiente. Por outro lado, devido a suas funções reprodutivas, as mulheres podem ser responsabilizadas pelo crescimento populacional, que, por sua vez, tem sido freqüentemente apontado como a raiz de muitos problemas ambientais. Não é à toa que muitas propostas envolvem a questão do controle populacional. O objetivo deste artigo é o de introduzir uma discussão crítica sobre o ponto de vista eco-feminista da relação mulher e meio ambiente.

O movimento eco-feminista reflete as diferentes posições do movimento ocidental feminista (radical, liberal, socialista). No entanto, o meu propósito aqui não é o de fazer uma crítica detalhada do discurso eco-feminista, mas sim, levantar alguns elementos desse discurso para o nosso debate sobre gênero e meio ambiente.

Separando as várias linhas do debate e centralizando-nos naqueles pontos que estão mais claramente articulados, temos o seguinte quadro dos argumentos eco-feministas:

1. Existem importantes conexões entre a dominação e a opressão da mulher e a dominação da natureza;

2. No pensamento patriarcal, as mulheres são identificadas como sendo mais próximas da natureza e os homens mais próximos da cultura. A natureza é vista como inferior à cultura; em conseqüência, as mulheres são vistas como inferiores aos homens.

3. Porque a dominação da mulher e da natureza pelo homem têm caminhado juntas, então as mulheres têm um particular interesse em acabar com a dominação da natureza, e em "curar a alienada natureza humana e não humana" (King, 1989).

4. Ambos os movimentos, feminista e ambientalista, buscam um sistema igualitário e não hierárquico. Desta forma, eles têm um importante objetivo em comum e devem trabalhar juntos para desenvolver uma perspectiva comum, teórica e prática.

Segundo o pensamento eco-feminista, a conexão entre a opressão da mulher e da natureza se dá basicamente na sua dimensão ideológica, com suas raízes num sistema de idéias e representações, valores e crenças, o qual coloca as mulheres e o mundo não humano hierarquicamente inferiores aos homens.

Este pensamento está associado a posições culturalistas como a de Sherry Ortner (1974). Em seu artigo "Is male to female as nature to culture?", ela coloca que o vínculo entre mulher e natureza tem a sua raiz na biologia. Sua posição já foi criticada por antropólogos sociais¹ que argumentam que a dicotomia cultura/natureza não é universal, e que nem há uma uniformidade de significados atribuídos à natureza, à cultura, ao masculino e ao feminino. Porém, algumas eco-feministas ainda aceitam a posição de Ortner acriticamente e a reiteram de diferentes formas. Salleh (1984), por exemplo, coloca que a consciência da mulher está também moldada pela biologia e pela natureza. Ela diz o seguinte: "Women's monthly fertility cycle, the tiring symbiosis of pregnancy, the wrench of childbirth and the pleasure of suckling an infant, the things already ground women's consciousness in the knowledge of being coterminous with nature. However tacit or unconscious this identity may be for many women... it is nevertheless a fact of life".

O argumento eco-feminista assim construído é problemático por diferentes motivos:

1. a mulher é vista como uma categoria unitária, sem diferenciação de classe, raça, etnia e assim por diante. O discurso eco-feminista ignora outras formas de dominação que não a de gênero, dominações estas que afetam de forma crítica a posição das mulheres.

2. baseia a dominação da mulher e da natureza quase que exclusivamente na ideologia, negligenciando as fontes materiais desta dominação, as quais estão baseadas na vantagem econômica e no poder político.

3. mesmo dentro de uma análise da construção ideológica da dominação, o discurso diz muito pouco sobre as estruturas econômicas, políticas e sociais dentro das quais essas construções são produzidas e transformadas.

Essas linhas de dentro do eco-feminismo, que fazem a conexão entre mulher e natureza e biologia, podem ser vistas como adeptas de uma forma de essencialismo (noção de uma essência feminina imutável e irreduzível). Esse tipo de formulação vai de encontro a uma outra, completamente oposta, que evidencia que os conceitos de gênero, cultura e natureza são histórica e socialmente construídos e variam de acordo com o tempo e dentro das culturas e por períodos de tempo. MacCormack (1980) nos coloca a seguinte proposição: "The link between women and nature is not given.

1. Para esta discussão, ver especialmente MacCormack (1980) e Moore (1989).

Gender and its attributes are not pure biology. The meanings attributed to male and female are as arbitrary as the meanings attributed to nature and culture".

Em outras palavras, o debate eco-feminista enfatiza o efeito das construções ideológicas nas relações de gênero e nas formas de ação em relação ao meio ambiente. No entanto, precisamos ir mais adiante e examinar criticamente as bases materiais que são subjacentes a estas construções, ou seja, analisar o trabalho que a mulher e o homem produzem, a divisão sexual da propriedade e do poder e a realidade material das mulheres das diferentes classes, raças e castas (no caso da Índia), pressupondo que essas diferentes inserções sociais devem afetar de forma diferenciada a vida dessas mulheres, possibilitando diversas respostas à degradação do meio ambiente.

Discutindo o eco-feminismo no contexto indiano

As mulheres ocidentais responderam de forma particular à ameaça de destruição ambiental, participando do movimento verde pela Europa e Estados Unidos. Outras ações foram tomadas por mulheres do Terceiro Mundo, como o movimento CHIPKO, na Índia.

O trabalho de Vandana Shiva (1988) dentro do contexto indiano dá um passo à frente. Ela coloca que a violência contra a mulher e a natureza não só está baseada na ideologia, como também tem suas bases materiais. Desta forma, a relação das mulheres do Terceiro Mundo com a natureza está vinculada a uma dependência material na produção do seu sustento, de sua família e de sua comunidade. A destruição da natureza se torna desta forma a destruição das fontes graças às quais estas mulheres permanecem vivas.

Vandana Shiva vai além das eco-feministas ocidentais ao explorar os vínculos entre as formas de pensar sobre o desenvolvimento, o processo de mudança do desenvolvimento, o impacto desse processo no meio ambiente e nas pessoas que dependem dele para a sua sobrevivência. Essa vinculação é de um significado crítico muito grande.

No entanto, o seu argumento tem algumas limitações analíticas, as quais apresento a seguir:

1. Embora seus exemplos estejam relacionados às mulheres rurais da Índia, suas generalizações colocam todas as mulheres do Terceiro Mundo em uma categoria. Apesar de distinguir as mulheres do Terceiro Mundo do resto, como as eco-feministas, ela não diferencia mulheres de diferentes classes, castas, etnias e grupos. Desta forma, implicitamente, uma forma de essencialismo pode ser lida em seu trabalho, pois vê todas as mulheres do Terceiro

Mundo imbricadas na natureza, com um especial relacionamento com o meio ambiente. Acho que necessitamos perguntar qual é a base desse relacionamento e como as mulheres adquirem esse especial entendimento da natureza.

2. Vandana não indica por quais processos e instituições as construções ideológicas têm mudado na Índia, não reconhecendo a co-existência de muitas linhas ideológicas, dada a diversidade cultural e religiosa indiana. Por exemplo, a sua ênfase no princípio feminino (PRAKRITI)² como a idéia guia do discurso filosófico indiano, na verdade se refere ao discurso hindu somente, e não pode ser visto como aplicável para indianos de todas as crenças religiosas. Na verdade o hinduísmo é pluralístico e contém muitos discursos que coexistem dentro dele. As construções ideológicas de gênero, natureza e da relação entre os dois pode ser vista como o resultado concreto de conflitos entre os grupos competitivos, e desta forma potencialmente desafiáveis e mutáveis. A conceitualização de como as ideologias e os pontos de vista ganham domínio e se fortalecem, enquanto outras ideologias e grupos se enfraquecem, pode indicar um caminho para a formulação de uma economia política da formulação ideológica. Mas talvez o mais importante seja que não fica claro como, e em que período histórico, o conceito de princípio feminino na prática afeta as relações de gênero, ou as relações entre as pessoas e a natureza.

3. Vanda atribui principalmente à história do colonialismo do Terceiro Mundo e à imposição de um modelo de desenvolvimento e ciência ocidentais as formas de destruição da natureza e da opressão das mulheres (em termos simbólicos e reais). Indiscutivelmente, a experiência colonial e as formas que o desenvolvimento moderno tomou nos países do Terceiro Mundo têm se mostrado destrutivas economicamente, institucionalmente e culturalmente. No entanto, não se pode ignorar que esse processo se impingiu sobre bases pré-existentes de desigualdades econômicas sociais e de gênero.

É importante, aqui, distinguir entre os modelos particulares de modernização que claramente têm sido importados ou adotados do Ocidente pelos países do Terceiro Mundo (com ou sem história de colonização) e as bases sócio-econômicas e culturais às quais esse modelo foi imposto. Por exemplo, antes da pré-colonização britânica a Índia era consideravelmente estratificada por classes e castas, embora variando entre regiões. Esta estratificação deve ter afetado os padrões de acesso e uso dos recursos naturais por diferentes classes e grupos sociais. Embora seja necessária muita pesquisa sobre a economia política do uso dos recursos naturais nesse período, a evidência de comunidades camponesas nos tempos pré-coloniais nos precavê contra generalizações históricas sobre os efeitos da administração colonial na Índia.

2. PRAKRITI (princípio feminino) – refere-se a uma força criadora da qual todas as formas vivas se originam.

Ao localizar o problema quase que exclusivamente na experiência do Terceiro Mundo sobre o Ocidente, nós deixamos de compreender as relações entre as várias forças de poder e prestígio locais que datam de antes do colonialismo. O que existe hoje na Índia é um complexo legado de interrelações coloniais e pré-coloniais que definem as forças e os parâmetros dentro dos quais o uso dos recursos e as mudanças sociais na área de desenvolvimento devem prosseguir.

Em outras palavras, a descrição que Shiva faz das consequências adversas da modernização e da ciência moderna, particularmente para as mulheres, é visualmente clara e bastante válida. O que é debatível é a sua análise teórica. A relação de homens e mulheres com o meio ambiente deve ser entendida, então, como enraizada nas suas realidades materiais, e nas suas formas específicas de interação com o meio ambiente.

Desta forma, como existe uma divisão do trabalho, da propriedade e do poder baseada em classes, castas, etnia, raça e gênero, estas categorias estruturam as interações das pessoas com a natureza e, portanto, estruturam os efeitos das mudanças ambientais em pessoas específicas e as respostas das pessoas a estas mudanças. E mais: onde o conhecimento sobre a natureza é experimental na sua base, as divisões de trabalho, propriedade e poder que moldam essas experiências também dão forma ao conhecimento baseado nessa experiência. Concluindo, as construções ideológicas sobre gênero e natureza, e do relacionamento entre os dois, devem ser vistas como parte interativa desta estrutura, mas não como o todo dela. Em termos de ação, haveria uma necessidade de transformar não só as noções sobre gênero como também a atual divisão de trabalho e de recursos entre os gêneros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- KING, Y. *The Ecology of Feminism and the Feminism of Ecology*. In: Plant, J. (ed.) Healing the Wounds: The Promise of Eco-feminism, Philadelphia: New Society Publishers, 1989.
- MACCORMACK, C.P. *Nature, Culture and Gender: A critic*. In: MacCormack and Strather (eds.), Nature, Culture and Gender, Cambridge: Cambridge University Press, 1980.
- MOORE, H.L. Feminism and Anthropology, Minneapolis: University of Minnesota Press, 1989.
- ORTNER, S. *Is Male to Female as Nature is to Culture?*, In: Woman, Culture and Society. Editado por M.Z. Rosaldo e L. Lamphere. Stanford: Stanford University Press, 1974.
- SALLEH, A.k. *Deeper than Deep Ecology: The Eco-Feminist Connection*. In: Environmental Ethics, V. 16, Winter, 1984.
- SHIVA, Vandana. Staying Alive: Women, Ecology and Survival. Delhi: Kali for Women, London: Zed Books, 1988.



"Tres Mulheres, 1962" (detalhe)
Flávio de Carvalho
nanquim s/papel
Col. Gilberto Chateaubriand